

**A INTERTEXTUALIDADE NA OBRA:
A CINDERELA DAS BONECAS**

**INTERTEXTUALITY IN THE WORK:
CINDERELA OF THE DOLLS**

Juliane Emiliano¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar sobre o termo intertextualidade e como é possível compreender um texto dialogar com o outro. Deste modo iremos fazer uma análise na obra infantil *A Cinderela das bonecas*, da autora brasileira Ruth Rocha e apresentar possíveis acepções sobre intertextualidade. Para alcançar tal finalidade, exibiremos um estudo, apoiando-se principalmente nos referenciais teóricos da linguística, como Barros (1994), Moisés (2004) e Souza (2008), no entanto para entender os possíveis diálogos no livro da autora, realizaremos um conciso resumo do conto *Cinderela* de Charles Perrault, e assim propomos notar o diálogo intertextual presente na obra de Rocha.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Literatura infantil. *A Cinderela das bonecas*.

ABSTRACT

This work aims to study the term intertextuality and how it is possible to understand a text to dialogue with another. Thus, we will analyze the children's literary work *A Cinderela das dolls*, by the Brazilian author Ruth Rocha and present possible meanings about intertextuality. To achieve this purpose, we will exhibit a study, based mainly on theoretical references of linguistics, such as Barros (1994), Moisés (2004) and Souza (2008), however, to understand the possible dialogues in the author's book, we will carry out a concise summary of the short story *Cinderella* by Charles Perrault, and thus we propose to note the intertextual dialogue present in Rocha's work.

KEYWORDS: Intertextuality. Children's literature. *The Cinderella of the dolls*.

Recebido em 30.09.2021. Aprovado em 05.10.2021

¹ Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialista em Metodologia de Ensino em Língua Portuguesa e Artes (FAVENI) e graduada no curso de Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis (UFMT).

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é realizar um estudo sobre os diálogos intertextuais existentes na obra, *A Cinderela das bonecas*, de Ruth Rocha, escritora escolhida por ser considerada uma das mais importantes autoras de livros infantis no Brasil. Para isso, fez-se um estudo teórico sobre intertextualidade e a análise do livro.

No primeiro momento iniciamos um relato biográfico sobre a escritora, aqui pleiteado para estudo, sua importância para a literatura infantil brasileira e também concretizamos um breve resumo da obra proposta para análise. Já na segunda parte elaboramos uma pesquisa sobre o conceito de intertextualidade, para isso realizamos um levantamento bibliográfico de teóricos da área da linguística.

A última parte, concentramos em realizar a análise intertextual na obra de Rocha. Neste momento, iniciamos por apresentar um comentário da vida do autor Charles Perrault e um breve resumo do conto *Cinderela*, após elaboramos a análise comparativa, na qual tiramos trechos dos textos para exemplificar os possíveis diálogos existentes na história infantil da escritora.

Portanto, com este artigo pretendemos mostrar como é possível notar que um texto não é construído de forma fortuita ou mesmo escrito sem uma referência a outro.

2 A ESCRITA CRIATIVA DE RUTH ROCHA

A escritora brasileira Ruth Machado Lousada Rocha é uma das principais autoras na área da criação e produção da Literatura infantil. Natural de São Paulo, ela nasceu em 1931, bacharelou-se em Ciências Políticas Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, obteve a licenciatura em Ciências Sociais, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santos e cursou Pós-Graduação em Orientação Educacional, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

De acordo com Nelly Novaes Coelho a autora, desde os anos 50, vem desempenhando atividades “na área da Educação como orientadora educacional; e no setor editorial, como orientadora pedagógica ou redatora de revistas infantis” (COELHO, 1984, p.810). Ruth Rocha, entre 1957 e 1972 foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco, e nessa época começou a escrever sobre educação para a revista *Cláudia*, seu estilo inovador chamou a atenção de uma amiga, Sonia Robato, que dirigia a revista *Recreio* e a convidou para que elaborasse uma história.

A partir deste convite nasceu a obra *Romeu e Julieta*, que conta sobre a amizade de duas borboletas pertencentes a grupos de cores diferentes e que não se misturam, o livro foi publicado no ano de 1969, e é o primeiro de uma série de narrativas originais e divertidas, todas publicadas na *Recreio*, que mais tarde Ruth Rocha veio a dirigir. Todavia a autora não abordou, nas narrativas, apenas o lúdico, ao contrário, elaborou histórias para as crianças com temas importantes.

O reizinho mandão, por exemplo, é sobre um rei que quando tomou posse do poder começou a fazer leis e mais leis para oprimir e mostrar que mandava, não ouvia ninguém e decretava todos calarem a boca, até que o reino virou um silêncio total, pois a população havia sido tão oprimida que desaprenderam a falar, desesperado foi atrás de um sábio para solucionar o problema que ele mesmo causara; nessa história notamos uma crítica sobre o período ditatorial da época, pois o livro foi publicado em 1978, período em que vigorava o Regime Militar no Brasil.

Podemos ressaltar também que muitas das obras são revolucionárias na forma e linguagem, como Nicolau teve uma ideia que traz a concepção de escola de uma maneira de trocas de ideias e formação de opinião. Ruth Rocha tem mais de cento e vinte títulos disponíveis no mercado, com repertório tão imenso destacamos o grande sucesso de vendas *Marcelo, marmelo, martelo*, a história de um menino que gostava de dar nomes diferentes as coisas. Essa obra ganhou a simpatia de seu público e vendeu milhões de exemplares.

Segundo Nelly Coelho a escritora Ruth Rocha está entre os autores que “encontraram caminhos novos e positivos para interessar a criança pelo livro” (COELHO, 1984, p.810), e um dos elementos inovadores que pretendemos abordar neste artigo é a intertextualidade que é perceptível em algumas de suas obras: *A arca de Noé*, *Romeu e Julieta*, *Davi ataca outra vez*, *Marília bela*, entre outras.

Partindo desse conhecimento propomos estudar a obra *A Cinderela das bonecas*, cuja história é sobre uma velhinha conhecida por vovó Neném que morava numa casinha cercada de flores e passarinhos. Vivia cercada por crianças e as ajudava em diversas coisas, mas o que mais adorava fazer era contar histórias e contava de um jeito todo especial que as crianças riam muito, pois adoravam as narrativas malucas da vovó Neném.

Certo dia as meninas do bairro inventaram de fazer uma festa na casa de uma delas e lá iria ter um concurso de bonecas. Quando o grande dia chegou, vovó levou doces e enfeites, só que no caminho viu uma das meninas, que se chamava Mariana, muito triste e perguntou o

motivo de não enfeitar a boneca para a festa. A menina então responde que a boneca era feia e como sua mãe não tinha dinheiro para comprar uma nova, não iria participar do concurso.

Na mesma hora vovó Neném teve a ideia de ajudar Mariana, levou-a para casa e lá foram para o quarto de costura, vovó pegou diversas caixas e de dentro delas tirou vários tecidos, plumas, pedrarias, botões de cristal e uma infinidade de coisas. Da caixa de pintura começou a pintar o rosto da boneca, colocou-lhe um cabelo dourado, fez-lhe um vestido lindo, com uma maravilhosa coroa e sapatinhos bordados. Quando terminou, a garotinha bateu palmas e ficou muito feliz e disse: Vovó você é uma fada. Assim Mariana foi toda feliz para a festa.

3 HÁ SEMPRE UMA VOZ DO “OUTRO” NO TEXTO?

A linguagem, numa primeira definição, é a capacidade que o ser humano possui de se comunicar, expressar sentimentos, não é construída de forma aleatória e nem inédita, ao contrário, conforme Bakhtin o processo da linguagem parte do pressuposto que ela é “uma tarefa, um projeto sempre caminhando e sempre inacabado.” (SOUZA, 2008, p. 99).

De acordo com estudos de Bakhtin “a categoria básica da concepção de linguagem [...] é a interação verbal cuja realidade fundamental é seu caráter dialógico. Para ele, toda enunciação é um diálogo” (SOUZA, 2008, p. 98), assim, compreendemos que não existe um enunciado isolado e sim que “todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que antecederão: um enunciado é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior dessa cadeia” (SOUZA, 2008, p. 98).

Partindo das conjecturas acima, entendemos que no ato de elaborar um texto, é difícil considerar, uma construção comunicativa como original e independente, pois o ser humano precisa produzir a partir de algo já existente, o que segundo Diana Luz de Barros é o que pontua Bakhtin quando afirma “que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (BARROS, 1994, p. 3).

Não obstante, partindo nesse mesmo viés de pensamento, de produção dialógica, também iremos ressaltar que há outro aspecto de dialogismo, de acordo com Barros é aquele em que percebemos “o do diálogo entre os muitos textos da cultura que se instala no interior de cada texto e o define” (BARROS, 1994, p. 4), neste momento podemos perceber o processo intertextual entre os textos. Conforme estudos de Diana Luz Pessoa de Barros:

[...] a intertextualidade não é [...] uma dimensão derivada, mas, ao contrário, a dimensão primeira de que o texto deriva. Deve-se observar que a

intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade interna das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos.²

De modo, vemos que a relação dialógica entre textos literários, por exemplo, pode ser chamado de intertextualidade, ou seja, parte dessa premissa de comparação ou entreposto de textos, considerando ideias e partes de um texto inserido em outro, podendo este estar presente de forma implícita ou explícita.

De acordo com Massaud Moisés, o termo intertextualidade foi proposto por Julia Kristeva, o termo surgiu no meio da crítica literária, nos anos de 1960, na França, grandes teóricos se reuniam para publicar uma revista que representava um novo paradigma para os estudos literários. No Dicionário de Termos Literários, de Massaud Moisés notamos uma definição sobre o conceito de intertextualidade:

Influenciada pela teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, que divisava na paródia a convergência e o cruzamento, “de certo modo, de dois estilos duas ‘linguagens’ (interlinguísticas)” (1969:390), parte ela da ideia de que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Daí que “o texto literário se insere no conjunto dos textos: é uma escrita-réplica (função ou negação) de outra (dos outros) texto(s) [...]; a linguagem poética aparece como um diálogo de textos”.³

Portanto, para haver uma intertextualidade é necessário que os textos conversem entre si, havendo desta forma um diálogo entre eles, porque é esta relação dialógica que irá determinar o sentido que ambos estão seguindo e permitirá que haja a noção de diferenças e igualdades, podendo assim identificar as especificidades de cada um e as minúcias de seu propósito literário.

4 INTERTEXTUALIDADE: A CINDERELA DAS BONECAS

A elaboração de uma narrativa é construída pelo autor a partir de experiências, leituras, ideias; por isso podemos afirmar que é possível encontrar vestígios de um texto dentro do outro, ou seja, é notória a presença da intertextualidade nas escritas, por exemplo, nas literárias. E é

² BARROS, D. L. P. de. Linguagem, Polifonia e enunciação, in: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José. Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2011, p. 4.

³ MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 243.

por esse viés que propomos elaborar o estudo da obra, *A Cinderela das bonecas*, de Ruth Rocha e os possíveis diálogos existentes nela.

Sabemos que intertextualidade de acordo com Koch e Cavalcante (2007) pode estar presente no texto, de forma explícita ou implícita. Numa primeira leitura da história encontramos uma referência explícita de uma famosa história infantil: *Cinderela*. Segundo estudos de Fanny Abramovich a história sobre a personagem não é recente, ao contrário, “Quem lê ‘Cinderela’ não imagina que há registros de que essa história já era contada na China, durante o século IX d. C.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 120).

No entanto, neste estudo, analisaremos a relação intertextual com o texto de Charles Perrault. O escritor nasceu na França, na cidade de Paris, em 12 de janeiro 1628, com base na pesquisa de Eliane Vicente (2014) Perrault era filho caçula de uma família importante que pertencia à corte do rei da França Luís XVI, tornou-se membro da academia francesa e, em suas obras, reuniu personagens e paisagens que conseguiram servir-se ao povo e à elite da época.

No conto “*Cinderela*” ou “*A gata borralheira*”, publicado no livro *Contos da mamãe gansa*, encontramos a história de uma boa menina que vivia com o pai, a madrasta e com suas duas irmãs de criação. Como a madrasta detestava as qualidades da enteada, passou a tratá-la com total descaso, dessa maneira Cinderela era obrigada a cuidar dos afazeres de casa, dormir no sótão, bem no alto da casa, num colchão de palha todo esmolambado, diferente de suas irmãs, que viviam uma vida muito confortável.

No entanto, um dia, o filho do rei resolveu dar um baile e todos da corte foram convidados, as filhas da madrasta começaram os preparativos dois dias antes, arrumaram os cabelos, vestidos, já a personagem nem podia pensar em ir a uma festa tão elegante vestida com roupas que mais pareciam trapos. Todavia, apareceu à madrinha da menina, como era fada, fez uma magia e a transformou numa linda princesa. Ao chegar ao baile, todos a olhavam e admiravam sua beleza.

O príncipe ficou encantado, dançou e fez elogios, distraída com a companhia dele, Cinderela ao escutar a primeira batida da meia-noite precisou sair de forma rápida do baile e acabou por perder um par do seu sapatinho. O jovem, então, enviou um fidalgo a ir às casas e descobrir a dona do sapatinho, pois ele decretara que iria se casar com a jovem em cujo pé o calçado se ajustasse bem.

Quando o fidalgo chegou à casa da madrasta, as filhas fizeram todo o possível para enfiar o pé no sapato, sem, no entanto, conseguir, Cinderela pede para experimentá-lo e para surpresa das irmãs, coube perfeitamente aos seus pés. Nesse instante, apareceu à madrinha, que,

com um simples toque de sua vara de condão na roupa de Cinderela, tornou-a muito bela, levaram-na à presença do príncipe e, poucos dias depois, casou-se com ela.

Tendo como texto “original” a história de Perrault conseguimos notar referências dessa narrativa na obra *A Cinderela das bonecas*, de Ruth Rocha. Num primeiro momento temos a seguinte passagem:

- Não, vovó, não! A história é de Chapeuzinho Vermelho! Vermelho!
- É claro, é claro! Eu sei muito bem. Vermelho. Então a rainha disse: "Eu quero uma filha que tenha cabelos negros como o ébano, pele branca como a neve e lábios vermelhos! Vermelhos como o sangue!"
As crianças gostavam mais das histórias malucas de vovó Neném do que das histórias certinhas dos livros...
Quando as meninas do bairro resolveram fazer uma festa na casa da Gabriela e um concurso de bonecas, vovó gostou logo da ideia:
- Que bom! Eu adoro festas! Vou fazer bandeirinhas de papel de seda e lanterninhas de papel colorido e balas enroladas em papel celofane...
Todas as meninas ficaram muito assanhadas e trataram de enfeitar muito bem suas bonecas.⁴

No texto da escritora as crianças resolvem fazer uma festa para ver quem tinha a boneca mais bonita, e para isso prepararam um “grande desfile”. Ideia semelhante encontrada no texto de Perrault, pois o príncipe proporciona um baile a todos da corte.

Aconteceu que o filho do rei ofereceu um baile, para o qual convidou todas as pessoas da mais alta posição social: as nossas duas senhoritas também foram convidadas, já que eram figuras de grande destaque no reino. Ei-las portanto muito contentes e ocupadas a escolher os vestidos e os penteados que lhes assentariam melhor [...].⁵

De acordo com Gutemberg Lima da Silva e Roberta Varginha Caiado (2014) “Kristeva afirma que um texto não está pronto e acabado quando posto “à venda” pelo escrito, mas o texto está sempre em estado de produção, em processo de divisão de significados” (SILVA; CAIADO, 2014, p.7), portanto o texto pode ser construído a partir de outro olhar. Partindo desse conhecimento percebemos outra passagem da obra *A Cinderela das bonecas* que produz um sentido parecido ao da história Cinderela de Perrault.

No texto de Rocha as meninas estavam enfeitando, para a festa, suas respectivas bonecas, quando vovó Neném encontra a personagem Mariana muito abatida.

⁴ ROCHA, R. *A cinderela das bonecas*. São Paulo: FTD, 1998. Não paginado.

⁵ PERRAULT, C. *Contos da mamãe gansa*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p.70.

No dia do concurso, vovó foi à casa da Gabriela para levar os doces e os enfeites. Mas quando ela passou na casa da Mariana, viu que a menina estava muito triste, sentadinha na rede, com sua boneca no colo.

- Que é isso, Mariana? Você não está enfeitando sua boneca para a festa? - ela perguntou.

Mariana, muito desapontada, mostrou a boneca:

- Ah, vovó, eu nem vou levar a minha boneca na festa. Olha só como ela está feia! Eu pedi pra mamãe comprar uma nova, ela não podia...⁶

Em Charles Perrault encontramos a mesma sensação de tristeza, porém de forma diferente, se Mariana não queria ir por não ter uma boneca nova e considerava a sua feia, Cinderela não podia ir porque não tinha permissão e nem roupas apropriadas para o baile.

Enfim chegou o esperado dia e lá se foram elas. Cinderela as seguiu com os olhos pelo tempo que pôde; e, assim que sumiram de vista, desatou a chorar. Sua madrinha, quando a viu coberta de lágrimas, perguntou-lhe o que estava acontecendo.

- Bem que eu queria... bem que eu queria...

- Bem que você queria ir ao baile, não é?

- É, eu queria, sim - disse Cinderela, suspirando.⁷

O processo do encantamento e de transformação que incide no texto da escritora é de forma análoga com a do autor francês. Em Rocha temos o momento em que a vovó transforma a boneca: “E das mãos mágicas da vovó começou a sair uma porção de maravilhas: vestido brilhante, capa de lantejoulas, sapatinhos bordados, coroinha de princesa”. (ROCHA, 1998, não paginado). A mudança da boneca, também é notória por meio da linguagem visual. Conforme Ecila Mabelini

Nesse caso, além do verbal, ainda temos, reforçado pelo visual, uma dada função da linguagem: a função fática, que produz um efeito de sentido de eficiência no discurso, como por exemplo, as linhas com pontas irregulares, formando uma espécie de círculo (balão comum nas histórias em quadrinho) que sugere a surpresa. É o final de um percurso de transformações pelos quais passa a boneca de Mariana e que pudemos acompanhar passo-a-passo até o surgimento da princesa (Cinderela).⁸

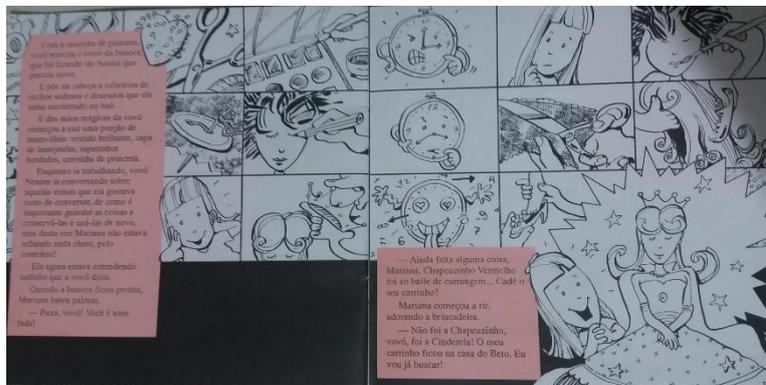
⁶ ROCHA, R. **A cinderela das bonecas**. São Paulo: FTD, 1998. Não paginado.

⁷ PERRAULT, C. **Contos da mamãe gansa**. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p.74.

⁸ MABELINI, E. L. de L. **As estruturas semio-narrativas dos contos de fada e maravilhosos no sincretismo verbo-visual do livro infantil**. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:<<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4961/1/Ecila%20Lira%20de%20Lima%20Mabelini.pdf>>. Acesso em 03 maio. 2019, 14:15:10, p. 49.

A imagem abaixo, retirada do livro de Ruth Rocha, afirma o discurso de Ecila Lira de Lima Mabelini e mostra como a imagem auxilia na construção do sentido e da intertextualidade presente na narrativa *A Cinderela das bonecas*.

Desenho 1 - O passo-a-passo da construção do sujeito princesa.⁹



Não obstante, no texto de Charles Perrault a mágica acontece por meio da fada madrinha, é ela que pede a menina que pegue uma abóbora e a transforma numa linda carruagem, também faz com que camundongos se tornem cavalos, e em um rato “A fada [...] tocou com a varinha para transformá-lo num corpulento cocheiro com um dos mais belos bigodes jamais vistos”. (PERRAULT, 2015, p.75). A intertextualidade presente na obra ratifica a tese defendida por Diana de Barros (1994) a qual afirma, com base nos estudos de Bakhtin, que o texto sempre estará em construção e diálogo com outros.

O desfecho das narrativas, de Rocha e Perrault, é caracterizado pela admiração e surpresa ante a beleza das “cinderelas”. Depois de muito ser maltratada pelas irmãs e madrasta, a protagonista do enredo chama a atenção de todos no palácio.

Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite. E lá se foi, quase fora de si de tão alegre. O filho do rei, ao ser informado de que acabara de chegar uma grande princesa que ninguém ali conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão para ajudá-la a descer da carruagem e conduziu-a ao salão onde as pessoas se reuniam. Fez-se, então, um grande silêncio; a dança parou e os violinos não tocaram mais, pois todos se puseram a contemplar, muito atentos, a grande beleza da moça desconhecida. Apenas comentários ligeiros podiam ser ouvidos:
 — Ah, como ela é linda!¹⁰

No livro infantil de Ruth Rocha, a beleza da “Cinderela” gera um grande entusiasmo em todas as meninas, pois ficaram encantadas com a “nova” boneca de Mariana.

⁹ ROCHA, R. **A cinderela das bonecas**. São Paulo: FTD, 1998. Não paginado.

¹⁰ PERRAULT, C. **Contos da mamãe gansa**. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p.77.

Agora a mágica está completa. Escute só mais uma coisinha. A gente não pode desanimar quando as coisas estão difíceis. Se você prestar atenção nas histórias, você vai ver que todas as princesas precisaram coragem, de paciência e de esperteza para conseguir sair dos seus problemas... Vá para a festa, minha filha. [...] Quando Mariana chegou, a festa estava animada. Cada menina, orgulhosa, mostrava a sua boneca. Todas as meninas correm para falar com Mariana: - Mariana, Mariana, como é o nome da sua boneca? - Minha boneca? Minha boneca se chama Cinderela, é claro...¹¹

A partir da análise, notamos um diálogo intertextual na obra *A Cinderela das bonecas* de Ruth Rocha, em relação ao texto, Cinderela do francês Charles Perrault. A autora, por meio de uma escrita criativa e alegre, apresenta aos seus leitores, uma narrativa que incute ensinamentos para as crianças, uma vez que partindo da imagem da personagem Cinderela, ela apresenta a boneca, da personagem Mariana, que precisa ser “transformada” com toques “mágicos”. Assim, compreendemos o processo dialógico, no qual incide quando a intertextualidade ocorre quando encontramos a presença de um texto em outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que um texto não é construído de forma aleatória e que não há discurso neutro, pois o a construção do mesmo parte da premissa que sempre há uma referência a outro já existente, propomos realizar esta pesquisa sobre a intertextualidade presente no livro de Ruth Rocha.

Neste estudo, procuramos apresentar conceitos sobre intertextualidade, e tendo conhecimento que esse processo dialógico nos textos advém quando percebemos pontos “semelhados”, podemos afirmar que foi possível notar elementos intertextuais na obra *A Cinderela das bonecas*, uma vez que há passagens da história que retomam a ideia de outra.

A análise foi realizada, a partir da leitura do conto de Charles Perrault e ao comparamos com o da escritora Ruth Rocha, compreendemos que a mesma recriou, de forma divertida e inovadora, a narrativa da “Cinderela”.

¹¹ROCHA, R. *A cinderela das bonecas*. São Paulo: FTD, 1998. Não paginado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BARROS, D. L. P. de. Linguagem, Polifonia e enunciação, in: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José. Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2011.

COELHO, N.N. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade Diálogos Possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MABELINI, E. L. de L. **As estruturas semio-narrativas dos contos de fada e maravilhosos no sincretismo verbo-visual do livro infantil**. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:<<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4961/1/Ecila%20Lira%20de%20Lima%20Mabelini.pdf>>. Acesso em 03 maio. 2019, 14:15:10.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PERRAULT, C. **Contos da mãe gansa**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ROCHA, R. **A cinderela das bonecas**. São Paulo: FTD, 1998. Não paginado.

SILVA, G. L. da S., CAIADO, R. V. **A intertextualidade: um conceito em muitos olhares**. Disponível em:<<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/708.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2019, 18:20:20.

SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygostsky e Benjamin**. São Paulo: Papyrus, 2008.

VICENTE, E. P. **O IMAGINÁRIO NOS CONTOS DE FADAS: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm**. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127556>>. Acesso em 26 mar. 2019, 15:30:30.